

# ESPAÇO E MATERIALIDADE NA TRIPOLITANIA ROMANA: UMA TENTATIVA DE RECONSTITUIÇÃO DA CIDADE DE OEA EM MEADOS DO II SÉCULO

## SPACE AND MATERIALITY IN ROMAN TRIPOLITANIA: AN ATTEMPT OF RECOVERY OF THE CITY OF OEA IN THE MID- SECOND CENTURY

Belchior Monteiro LIMA NETO\*

**Resumo:** Oea, atualmente Trípoli, na Líbia, foi uma cidade que integrou o Império romano nos primeiros séculos de nossa era. Dela, poucas relíquias são hoje conhecidas, uma vez que a atual capital líbia fora construída sobre a antiga *urbs* romana. Tendo em vista tais limitações e com o intuito de superá-las, empreenderemos uma tentativa de reconstituição da antiga Oea. Intencionamos dar materialidade à cidade, haja vista o nosso interesse de pesquisar o espaço citadino onde Apuleio de Madaura, escritor norte-africano de meados do II século, foi publicamente difamado e acusado de praticante magia. Por meio da obra *Apologia*, dos diminutos artefatos arqueológicos e epigráficos e de comparações com as cidades vizinhas de Sabrata e Leptis Magna – cujos sítios arqueológicos são imensamente mais ricos e completos – acreditamos ser possível visualizar, mesmo que parcialmente, o ambiente citadino vivido por Apuleio entre os anos de 157 e 159.

**Palavras-chave:** Oea – Espaço – Materialidade – Apuleio de Madaura.

**Abstract:** Oea, now Tripoli, Libya, was a city that was part of the Roman Empire in the first centuries of our era. Few of its relics, however, are actually known, since the current Libyan capital was built on the old Roman *urbs*. Considering these limitations and in order to overcome them will undertake an attempt to reconstitute the ancient Oea. We intend to give materiality to the city, given our interest in researching the urban space where Apuleius of Madaura, North African writer of the mid-second century, was publicly vilified and accused of witchcraft. From the work *Apology*, the tiny epigraphic and archaeological artifacts and comparisons with the nearby cities of Leptis Magna and Sabrata - which archaeological sites are immensely richer and more complete - we believe we can shimmer the urban environment experienced by Apuleius between the years 157 - 159 A.D.

**Keywords:** Oea – Space – Materiality – Apuleius of Madaura.

Oea, atual Trípoli, na Líbia, fora uma *civitas* localizada na costa da Tripolitânia, região a leste de Cartago e a meio caminho entre a capital da província da África Proconsular e o Egito.<sup>1</sup> Dela, poucas relíquias são hoje conhecidas: fórum, templos, termas, basílica, teatro e anfiteatro, construções básicas das *civitates* romanas, nada disso nos foi legado. Tendo em vista tais limitações e com o intuito de superá-las, empreenderemos uma tentativa de reconstituição da antiga Oea. Intencionamos dar

---

\* Mestre em História – Doutorando em História – Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas – UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, CEP: 29075-910, Vitória, Espírito Santo – Brasil. E-mail: [belchior67@hotmail.com](mailto:belchior67@hotmail.com)

materialidade à cidade, haja vista o nosso interesse de pesquisar o espaço citadino onde Apuleio de Madaura, em meados do II século, foi publicamente difamado e acusado de magia (MATTINGLY, 1994, p. 122-125).

Apuleio foi um autor norte-africano que viveu entre os anos de 120 e 170, tendo conseguido grande notoriedade como filósofo, orador e escritor. Entre os anos de 157 a 159, Apuleio viu-se envolvido num imbróglio em Oea. Nesta cidade, sua *honor* de filósofo e de homem de cultura erudita foi posta em dúvida, sendo difamado publicamente como mago, assassino e embusteiro por parte da elite citadina local, principalmente por Sicínio Pudente e Sicínio Emiliano, respectivamente filho e ex-cunhado de Emilia Pudentila, mulher com a qual Apuleio se casara e, supostamente, enfeitiçara na cidade de Oea (VALLETTE, 2002).<sup>2</sup>

Qualquer tentativa de reconstituição de Oea esbarra na quase completa inexistência de evidências arqueológicas, tratando-se de uma tarefa bastante árdua.<sup>3</sup> Muito pouco restou da antiga *civitas*, havendo atualmente apenas raríssimas ruínas referentes ao período de domínio romano na cidade. Ao contrário de Lepcis e de Sabratha – cidades vizinhas cujos sítios arqueológicos são mais ricos e completos –, Oea não fora abandonada após o advento da conquista árabe na Tripolitânia, acontecimento ocorrido entre os séculos VII e VIII. A ocupação da cidade se manteve e ela continuou a existir como um importante centro urbano local. Tal fato, contudo, favoreceu a própria depredação e destruição da *civitas*, já que os monumentos, prédios, e outras relíquias romanas foram vistos como importantes fontes de matéria-prima para as novas edificações. Em resumo, a atual Trípoli fora construída a partir e sobre a antiga Oea (HAYNES, 1956, p. 101).

Supõe-se que Oea, em meados do II século, época em que Apuleio manteve residência na cidade, fosse uma *civitas* de pequenas proporções, com uma área urbana (*urbs*) de aproximadamente 490 quilômetros quadrados. Esta extensão pode ser inferida a partir das dimensões que nos são fornecidas pelas ruínas da antiga muralha citadina de Oea (n. 9, 10 e 11 da figura 01), que circundava a cidade na Antiguidade (MATTINGLY, 1994, p. 122-125). Dado tais proporções urbanas, Mattingly (1994, p. 122-125) estipula, para Oea, uma população de cerca de 20 mil habitantes no período imperial romano. Estimativa populacional que é corroborada pelas pesquisas de Duncan-Jones (1963, p. 85) acerca da população média das cidades romanas no Norte da África, que, segundo ele, girava em torno de 10 a 20 mil pessoas.

Como a maioria das cidades romanas, Oea era recortada por avenidas perpendiculares que constituíam as principais vias de acesso da *urbs*. Havia um eixo que cortava a cidade no sentido norte-sul, ou seja, equivalente ao seu *cardo maximo* (n. 7 da figura 01), sendo esta também uma ramificação da estrada costeira que ligava Cartago a Alexandria, no Egito. Existiam, além disso, quatro principais *decumani* – seguindo o sentido leste-oeste – (n. 3, 4, 5 e 6 da figura 01), que cruzavam o *cardo maximo* da cidade e interligavam o interior citadino ao litoral e, sobretudo, à região portuária de Oea (MATTINGLY, 1994, p. 122-125).

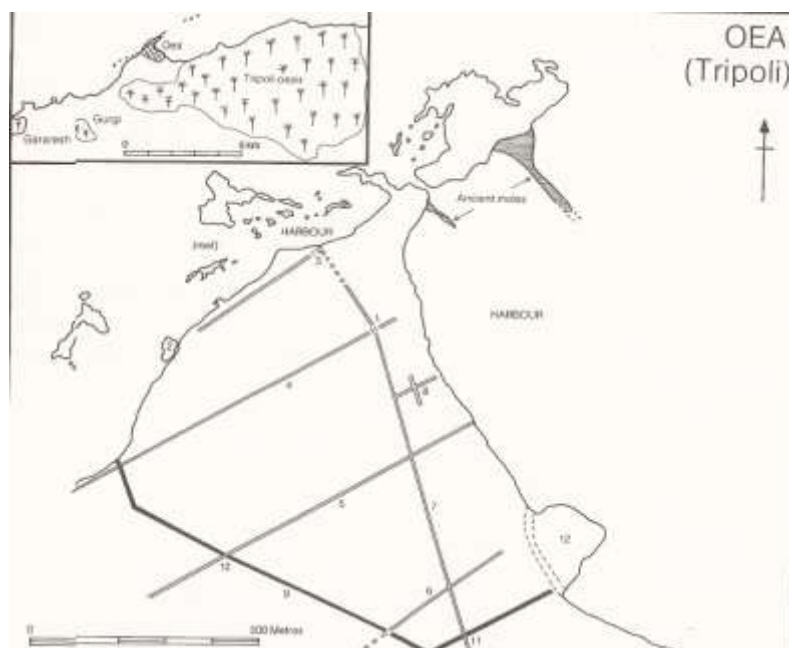


Figura 01  
Antiga cidade de Oea (MATTINGLY, 1994, p. 122).

Oea era composta por uma vasta área costeira, especialmente propícia para a instalação de portos. Dos dois lados da pequena península que constituía a região onde se assentava a cidade havia excelentes ancoradouros naturais, estando os portos de Oea entre os mais importantes de todo o Norte da África. Como observado no mapa referente à antiga Oea, encontravam-se, na parte norte da cidade, dois moles construídos em época romana, fato que provavelmente melhoraria as condições de acessibilidade para as embarcações, assim como representava uma importante via de acesso entre as zonas leste e oeste da cidade, haja vista o pequeno canal localizado entre ambos os moles (MATTINGLY, 1994, p. 122-125).

Acredita-se, ademais, que a ocupação inicial de Oea tenha se assentado na região norte da cidade. É aí que provavelmente se instalara a mais antiga povoação púnica. De acordo com dados arqueológicos colhidos por David Mattingly (1994, p. 122-125), há boas evidências que indicam a existência de um cemitério púnico (n. 2 da figura 01) próximo à área portuária localizada no litoral oeste da península, à qual se interligava por intermédio de uma via, como demonstrado no *decumanus* n. 3, da figura 01.

Fora das muralhas citadinas, Oea era rodeada por vastos oásis, locais propícios para a instalação de ricas e luxuosas *villae*.<sup>4</sup> Estas últimas correspondiam às residências rurais das mais abastadas famílias da cidade, que ocasionalmente se retiravam para as suas propriedades no campo. Tal evidência é corroborada pelo testemunho de Apuleio, em *Apologia*. O autor nos demonstra que várias personagens locais possuíam residências afastadas da cidade, tais como as de Sicínio Ponciano – filho mais velho de Pudentila – e de Sicínio Emiliano (*APOL.*, 53.8-11; 56.3-6). O próprio Apuleio, quando de seu casamento com Emília Pudentila, refugiara-se numa vila nos arredores de Oea para a celebração da cerimônia, atitude duramente reprovada pela elite local, visto que contrária às cerimônias tradicionais do matrimônio, tais como a oferta de banquetes e a distribuição de benesses aos cidadãos (*APOL.*, 67.4-6; 78.5; 87.9-10; 88.1-2).

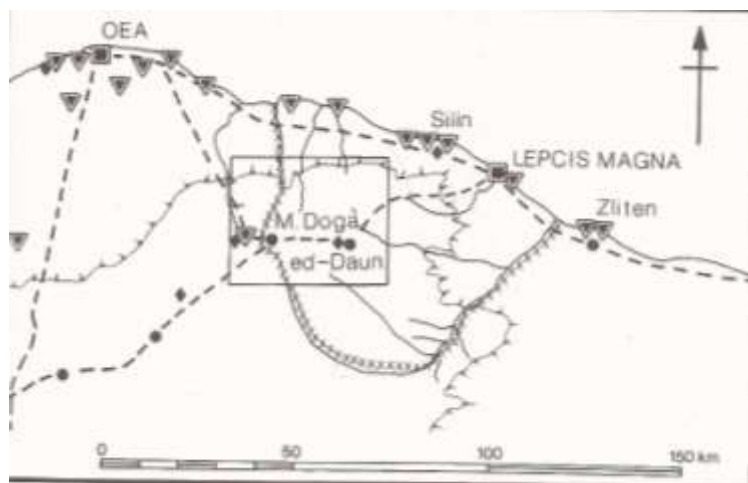


Figura 02

Localização das principais *villae* próximas a Oea (MATTINGLY, 1994, p. 141).

A opulência de tais *villae* é atestada pela existência de mosaicos.<sup>5</sup> Aurigemma (1960, p. 30-43), em suas escavações nas cercanias da antiga Oea, descobriu várias residências de campo próximas à cidade, decoradas com mosaicos que retratavam a

riqueza da elite cidadina local. É possível afirmar que estas propriedades eram muito mais do que um lugar de moradia sazonal das aristocracias locais, elas também se caracterizavam como um importante símbolo de *status*, exteriorizando o poder e a riqueza da elite oeaense por intermédio da ornamentação da *pars urbana* de suas vilas. O mosaico apresentado abaixo, encontrado na região de *Bab Eg-gedid*, localizado a poucos quilômetros extramuros da *urbs* de Oea, exemplifica bem a busca de *status* pelos membros da elite local. Aqui, vê-se a celebração da abundância dos víveres das terras do proprietário da *villa* pela representação da caça – gazela e perdizes – e pela profusão de gêneros alimentícios, tais como uvas e figos.



Figura 03  
Mosaico de *Bab Eg-gedid* (AURIGEMMA, 1960, *plate* 49).

Na região sul da *urbs* de Oea, observa-se a existência das termas da cidade (n. 12 da figura 01). De acordo com especulações de Haynes (1959, p. 102) e de Mattingly (1994, p. 122-125), tal conjunto arquitetônico, devido ao espaço que provavelmente ocupara, seria comparável às mais importantes e imponentes termas da Tripolitânia. Tomando como modelo a edificação destinada aos banhos públicos da cidade de Lepcis, pode-se inferir a constituição física das termas de Oea. Como se nota na figura abaixo, os banhos romanos tinham um ciclo complexo, exigindo diversas etapas consecutivas, que englobavam, primeiramente, a ação de se banhar na piscina – *natatio* – (letra A da

figura 04), depois se passava, conseqüentemente, por uma sala fria – *frigidarium* –, morna – *tepidarium* – e quente – *caldarium* –, sendo que algumas, como as termas de Lepcis, ainda abrigavam mais uma etapa, chamada de *laconicum*, isto é, uma sala em que as temperaturas atingiam graus elevadíssimos (respectivamente, letras B, C, D, E da figura 04).

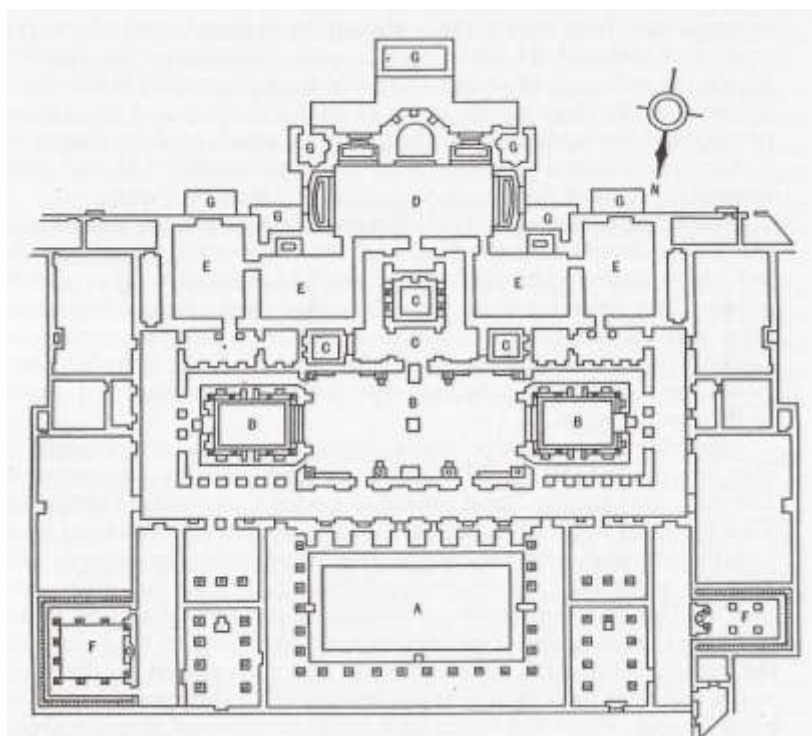


Figura 04  
Termas de Adriano em Lepcis (HAYNES, 1956, p. 76).

As termas, além disso, eram importantes locais de convivência e de sociabilidade,<sup>6</sup> caracterizando-se como um dos mais procurados e requisitados prédios públicos romanos. As edificações destinadas aos banhos eram repletas de lojas e possuíam um lugar importante – *palaestra* – para a prática de exercícios atléticos, de jogos diversos, de conversação e leitura.

Nas termas [...] faz-se um pouco de exercício, relaxa-se sob as mãos do massagista, conversa-se, petiscam-se algumas guloseimas fornecidas por vendedores ambulantes. É também aí que se promovem os encontros de negócio ou de amizade (GRIMAL, 2003, p. 84).

Dois dos mais importantes edifícios públicos presentes nas *civitates* romanas – os teatros e os anfiteatros – infelizmente não podem ser atestados pelos dados

arqueológicos disponíveis em Oea. Pode-se apenas supor a sua existência a partir de duas pequenas citações presentes em *Apologia*. Por conta disto, não dispomos de muitas informações acerca destes dois monumentos: não se sabe como eram, nem onde se localizavam, mas tão somente que faziam parte, ao crer-se no testemunho de Apuleio, do ambiente citadino de Oea.

No tocante ao teatro de Oea, infere-se a sua existência a partir de uma passagem da *Apologia* (74.7) em que Apuleio repreende o comportamento libidinoso de Herênio Rufino, um dos mais empedernidos acusadores do autor madaurense, dando-nos a entender que este frequentara e fizera parte, em sua juventude, de peças teatrais apresentadas na cidade.

Há muito tempo, em sua adolescência, antes de estar desfigurado por essa repulsiva calvície, [...] dedicou-se a executar sobre o palco certas danças, completamente efeminadas [...], mas, segundo tenho entendido, [...] desprovidas de arte e de graça (*Apol.* 74.7).

Em outro excerto retirado de *Apologia* (98.7), Apuleio nos informa acerca da existência, em Oea, da prática gladiatória dos *munera*, ou seja, dos espetáculos de gladiadores que se realizavam nos anfiteatros romanos. Segundo o que autor madaurense nos demonstra, haveria na cidade escolas específicas para a formação e o treinamento dos gladiadores, fato que nos permite inferir acerca da existência de um Anfiteatro em Oea. A passagem em questão se refere às críticas que Apuleio desfere contra Sicínio Pudente, em virtude da falta de erudição de seu enteado mais novo. “Inclusive, o vêem, com frequência, na escola de gladiadores; ele [Pudente] conhece perfeitamente os nomes destes, seus combates e suas feridas, já que é o próprio lanista que lhe ensina”.<sup>7</sup>

Em relação ao centro político, administrativo e religioso da antiga Oea, acredita-se que o mesmo se localizava próximo ao único monumento do período romano ainda existente na cidade: o Arco do Triunfo quadrifonte (n. 1 da figura 1), erigido em homenagem aos imperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero, provavelmente em 163 (*INSCRIPTIONS OF ROMAN TRIPOLITANIA*, 230; MATTINGLY, 1994, p. 125).<sup>8</sup> O Arco fora erguido na interseção do *cardo maximo* com um dos *decumani* existentes na cidade, fato que reforça a interpretação acerca da centralidade da região adjacente ao monumento (GRIMAL, 2003, p. 82).<sup>9</sup>

De acordo com Gonçalves (2005, p. 61), os Arcos do Triunfo construídos no Norte da África eram importantes veículos de consolidação e de afirmação do poder romano. Utilizando-se da palavra – com inscrições epigráficas – e da imagem – com elementos arquitetônicos monumentais de destaque na paisagem urbana –, os Arcos eram testemunhos emblemáticos da presença local de Roma, das personagens mais importantes do Império e dos indivíduos mais proeminentes da elite cidadina local, localizando-se, na maioria das vezes, na área central das principais cidades provinciais.

Cremos, por conta disto, que a região onde se assentava o Arco do Triunfo de Oea fosse o epicentro de uma série de construções e prédios públicos romanos. Em suas adjacências provavelmente se erguiam as principais edificações da cidade, tais como fórum, cúria, basílica e templos. Tomando-se como comparação a região central de Sabrata, pode-se imaginar o modo como se organizavam espacialmente estas diferentes construções, possibilitando-nos entrever uma presumível fisionomia do núcleo urbano da antiga *civitas* de Oea. A região central de Sabrata constituía um complexo de construções essenciais ao funcionamento da cidade. Ao redor do fórum, vê-se a ereção da cúria destinada ao Senado local, da basílica onde eram realizados os julgamentos e as performances oratórias e dos templos em homenagem aos deuses protetores da cidade e do Império.

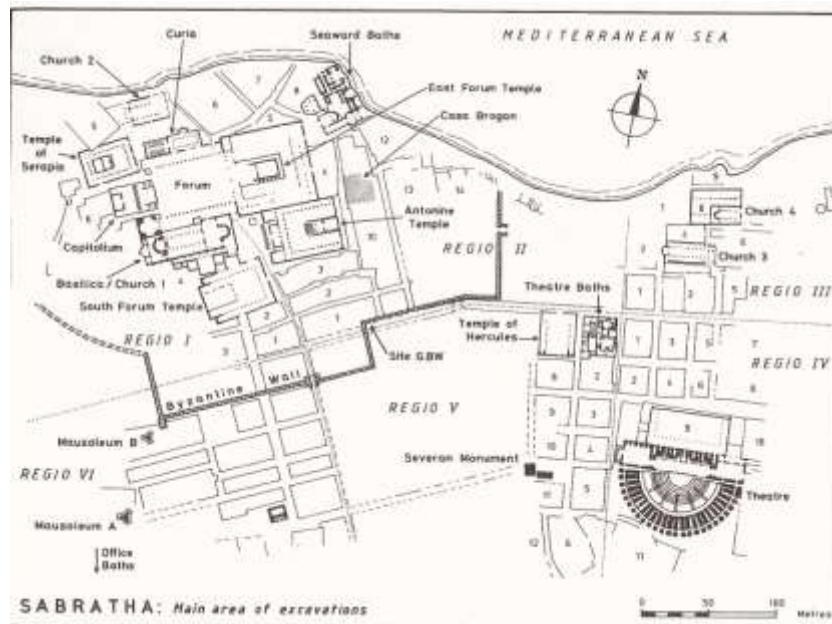


Figura 5  
Núcleo urbano da cidade de Sabrata (MATTINGLY, 1994, p. 126).



Do conjunto dos prédios públicos que constituía o centro político, administrativo e religioso de Oea, o único arqueologicamente comprovado é um templo erguido em homenagem ao *Genio coloniae* da cidade, localizado em frente do Arco do Triunfo. Dele, somente restou uma inscrição epigráfica atestando a edificação do templo – construído em 183 (*I.R.T.*, 232). O culto ao gênio da cidade representava uma manifestação patente de lealdade à comunidade cidadina, sendo este, provavelmente, um dos principais santuários da antiga *civitas* de Oea (BUSTAMANTE, 1999, p. 332-333).<sup>10</sup>

Acerca do Fórum e da Basílica de Oea não há dados arqueológicos que comprovem a sua existência. No tocante a estes prédios, a única fonte confiável são os relatos presentes em *Apologia*.<sup>11</sup> A Basílica é citada duas vezes na obra, sendo o local onde o próprio Apuleio fizera as suas performances oratórias na cidade, segundo ele mesmo nos informa: “[...] a pedido de amigos, dou uma conferência pública a todos os presentes que, com grande concorrência, lotavam a Basílica onde tinha lugar as audiências” (*APOL.*, 73.2). Era, também, um edifício destinado aos discursos laudatórios em homenagem às grandes autoridades imperiais, haja vista ter sido provavelmente na Basílica de Oea que Apuleio pronunciara “uma conferência pública [...] em presença do ilustríssimo Loliano Avito” (*APOL.*, 24.1), procônsul da África à época.

As Basílicas eram lugares, por excelência, da administração da justiça. Na de Sabrata, por exemplo, Apuleio fora julgado e, ao que tudo indica, absolvido do crime de magia. As Basílicas das principais cidades da Tripolitânia serviam como sede provisória do Tribunal do Procônsul da África, quando da passagem do mesmo pela região. Caracterizavam-se, além disso, como recintos de intensa socialização no perímetro urbano. Seja por conta das performances oratórias dos eruditos que as ocupavam para discursar, seja como locais de instalação provisória do Tribunal do Procônsul, as Basílicas atraíam, segundo informações retiradas de *Apologia* (28.3), “toda uma multidão, [...] acudida de todas as partes e em grande número”.

O fórum era a mais importante edificação pública de uma *civitas* romana, em torno do qual a cúria, a basílica e os templos se distribuía.

Todas as cidades provinciais têm, no seu centro, uma praça em volta da qual se encontravam todas as atividades do comércio e da vida pública. Em rigor, basta um Fórum para formar uma cidade (GRIMAL, 2003, p. 51).

*Grosso modo*, compunha-se essencialmente por uma praça, um espaço vazio rodeado por colunatas e pórticos, onde se instalavam lojas as mais diversas possíveis, constituindo-se, por conta disto, num local de encontro e de sociabilidade, onde os cidadãos geralmente tratavam de negócios, teciam suas alianças políticas e matrimoniais e discutiam diferentes questões referentes ao dia a dia das *civitates*.

Vê-se, em *Apologia*, o quanto o Fórum de Oea era central na vida pública da cidade. Nele, Apuleio fora inicialmente caluniado em sua *honor*, sendo este o epicentro “de uma campanha de calúnias desatada contra [ele]” (*APOL.*, 28.5). Em *Apologia* (82.6-7), quando Apuleio tenta explicar o mal entendido, gerado por um excerto, impropriamente retirado de seu contexto original de uma carta de Emília Pudentila endereçada a Sicínio Ponciano, o autor madaurensis afirma que Herênio Rufino “agitava-se no meio do Fórum, como uma bacante, e, abrindo a carta [de Pudentila] a cada momento, proclamava: Apuleio é um mago, disse-nos a própria vítima de seus encantamentos”.

Esta última afirmação, por fim, permite-nos observar o modo como os ambientes citadinos descritos acima são fundamentais numa pesquisa que almeje identificar os meandros do processo de difamação pública da honra de Apuleio. Nas termas, teatro, anfiteatro, fórum, basílica e templos, os boatos acerca dos conhecimentos mágicos do autor eram cotidianamente difundidos na *urbs* de Oea. Esses espaços de sociabilidade, de encontro e de convivência são essenciais para a análise do conflito que opôs Apuleio à parte da elite cidadina de Oea.

## Referências Bibliográficas

### *Documentação Primária Impressa*

APULÉE. *Apologie et Florides*. Introduction et traduction de Paul Valette. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

APULEYO. *Apología y Flórida* Introducción, traducciones y notas de Santiago Segura Munguía. Madrid: Gredos, 1980.

COLUMELA. *On agriculture*. Translated by S. Forster. London: Loeb Classical Library, 1977.

MÜLLER, L. *Numismatique de l'ancienne Afrique: les monnaies de la Syrtique, de la Bizacene et de la Zeugitane*. Copenhagen: Bianco Luno, 1861.

REYNOLDS, J. M.; WARD-PERKINS, J. B. *Inscriptions of roman Tripolitania*. Rome: British School at Rome, 1952.

*Obras de Apoio*

- ABED, A. ben. *Stories in stone: conserving mosaics of roman Africa*. Los Angeles: Getty Publications, 2006.
- AURIGEMMA, S. *Italy in Africa : archaeological discoveries (1911-1943)*. Volume I: Monuments of decorative art: mosaics. Rome: Istituto poligrafico dello Stato, 1960.
- BIRLEY, A. R. *Septimus Severus: the african emperor*. London and New York: Routledge, 2002.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. Práticas religiosas nas cidades romano-africanas: identidade e alteridade. *Phoênix*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 325-348, 1999.
- DUCAN-JONES, R. P. City population in roman Africa. *The Journal of Roman Studies*, London, v. 53, p. 85-90, 1963.
- FRÚGOLI JÚNIOR, H. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- FUNARI, P. P. *A vida quotidiana na Roma antiga*. São Paulo: Annablume, 2003.
- \_\_\_\_\_.; ZARANKIN, A. Pompeia: cidade, cotidiano e poder à luz das discussões epistemológicas recentes. In: CAMPOS, A. P. C.; et all. (Orgs.). *A cidade à prova do tempo: a vida cotidiana e relações de poder nos ambientes urbanos*. Vitória: GM Editora, 2010, p. 28-45.
- GONÇALVES, A. T. M. Homenagens aos severos: a construção de arcos do triunfo nas cidades do norte da África. In: CARVALHO, M. M. de; LOPES, M. A. de S.; FRANÇA, S. S. L. *As cidades no tempo*. Franca: UNESP, 2005, p. 61-86.
- \_\_\_\_\_.a Cidade, cidadania e identidade no mundo romano: uma proposta de análise. In: CAMPOS, A. P. C.; et all. (Orgs.). *A cidade à prova do tempo: a vida cotidiana e relações de poder nos ambientes urbanos*. Vitória: GM Editora, 2010, p. 17-27.
- \_\_\_\_\_.b Uma pequena Roma no norte da África: uma análise de Leptis Magna. In: CORNELLI, G. (Org.). *Representações da cidade antiga*. Coimbra: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010, p. 75-86.
- GRIMAL, P. *As cidades romanas*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- HAYNES, D. E. L. *Antiquities of Tripolitania*. London: The Trinity Press, 1956.
- JOLY, F. D. Terra e trabalho na Itália no alto império. In: SILVA, G V. da; MENDES, N. M. (Orgs.). *Repensando o império romano: perspectivas socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 65-84.
- LONDON, J. E. *Empire of honour*. New York: Oxford University Press, 2005.
- MAHJOUBI, A. O período romano e pós-romano na África do norte. In: MOKHTAR, G. (Coord.). *História geral da África*. São Paulo: Ática, 1985, p. 473-509.
- MATTINGLY, D. J. New perspectives on the agricultural development of Gebel and pre-desert in roman Tripolitania. *Revue de l'occident musulman et de la méditerranée*, n. 41, p. 45-65, 1986.
- \_\_\_\_\_. Libyans and the limes: culture and society in roman Tripolitania. *Antiquités africaines*, n. 23, p. 71-94, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Tripolitania*. Michigan: University of Michigan Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. From one colonialism to another: imperialism and the Maghreb. In: COOPER, N.; WEBSTER, J. (Eds.). *Roman imperialism: post-colonial perspectives*. Leicester: University of Leicester, 1996, p. 49-69.
- MATTINGLY, D. J.; HITCHNER, R. Roman Africa: an archaeological review. *The journal of roman studies*, London, v. 85, p. 165-213, 1995.
- MENDES, N. M. Romanização e as questões de identidade e alteridade. *Boletim do CPA*, Campinas, n. 11, p. 25-42, 2001.
- MILLAR, F. Local cultures in the roman empire: libyan, punic, and latin in roman Africa. *The journal of roman studies*, London, v. 58, p. 126-134, 1968.

- MUNGUÍA, S. S. Introdução geral. In: APULEYO. *Apología e Flórica*. Madrid: Gredos, 1980, p. 7-49.
- PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica: II volume*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- QUINN, J. C. Roman Africa? *Digressus supplement*, Nottingham, n. 1, p. 7-34, 2003. Disponível em: [www.digressus.org](http://www.digressus.org). Acesso em: 25 Mar. 2009.
- \_\_\_\_\_. The reinvention of Lepcis. *Bolletino di Archeologia on line*. Roma, n. 330, p. 52-69, 2010. Disponível em: <http://www.archeologia.beniculturali.it>. Acesso em: 12 Jan. 2012.
- RAVEN, S. *Rome in Africa*. London and New York: Routledge, 1993.
- REYNOLDS, J. M.; WARD-PERKINS, J. B. Oea. In: \_\_\_\_\_. *Inscriptions of roman Tripolitania*. Rome: British School at Rome, 1952. Disponível em: [http://www.irt.kcl.ac.uk/irt2009/introductions/I2\\_oea.html](http://www.irt.kcl.ac.uk/irt2009/introductions/I2_oea.html). Acesso em: 10 Dez. 2011.
- SILVA, S. C. *Relações de poder em um processo de magia no século II d.C.: uma análise do discurso Apologia de Apuleio*. Dissertação de Mestrado, Franca: UNESP, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2006.
- \_\_\_\_\_. A aristocracia romana-africana do século II d.C. no discurso Apologia de Apuleio. *Revista Alétheia*, Canoas, n. 2, v. 2, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistaaletheia.com/publicacao.htm>. Acesso em: 20 Fev. 2011.
- VALLETTE, P. Introduction. In: APULÉE. *Apologie et Florides*. Paris: Les belles lettres, 2002, p. v-xxxviii.
- WARD, PH. *Apuleius on trial at Sabratha*. London: The Oleander Press, 1968.
- WARD-PERKINS, J. Tripolitania and the marble trade. *The journal of roman studies*, v. 41, p. 89-104, 1951.
- WINTER, T. N. *Apology as prosecution: the trial of Apuleius*. Tese, Lincoln: University of Nebraska, 1968.

## Notas

<sup>1</sup> O termo *civitas*, substantivo comumente traduzido por cidade, como o estatuto sociojurídico de uma comunidade assentada num espaço urbano (*urbs*) e alargada sobre uma área rural (*ager*), a qual é independente e cimentada nas leis (MENDES, 2001, p. 26).

<sup>2</sup> *Honor* era um valor precioso aos indivíduos pertencentes às elites cidadinas provinciais. Juntamente com a cidadania romana, a riqueza, o nascimento ilustre e a posse da *paideia*, a *honra* era um valor imprescindível ao próprio reconhecimento dos membros mais abastados das cidades (LENDON, 2005). Nas palavras de Lendon (2005, p. 37), “a aristocracia romana era definida pela honra”.

<sup>3</sup> Há dois *corpus* de fontes arqueológicas provenientes para a cidade de Oea na Antiguidade. Um epigráfico, presente em *Inscriptions of roman Tripolitania (I.R.T)*, outro numismático, existente em *Numismatique de l'ancienne Afrique (N.A.A)*.

<sup>4</sup> “A *villa* significava, antes de tudo, uma organização específica do espaço rural, baseada na propriedade privada da terra [...] com o objetivo de desenvolver o fornecimento de produtos específicos – vinho e azeite –, voltados para o mercado” (JOLY, 2006, p. 69).

<sup>5</sup> Segundo Columela (*De Agr.*, 1.6.1-7), as *villae* poderiam ser divididas em três partes diferentes: *pars urbana*, que correspondia à habitação do senhor e de sua família quando em visita à propriedade; *pars rustica*, destinada à moradia e ao trabalho doméstico dos escravos; e *pars fructuaria*, que englobava as construções relacionadas à produção e ao armazenamento da produção dos víveres.

<sup>6</sup> Utilizamos o conceito de sociabilidade como o processo de interação microsociológico por meio do qual se constituem associações no seio de uma sociedade estabelecida (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p. 9).

<sup>7</sup> Os *lanistae* eram os responsáveis por treinar, contratar e fornecer os gladiadores aos espetáculos públicos (MUNGUÍA, 1980, p. 216).

<sup>8</sup> Utilizaremos como referência para o *corpus* arqueológico de *Inscriptions of roman Tripolitania* a sigla *I.R.T*.

---

<sup>9</sup> Frequentemente, o Fórum das cidades, ao redor do qual se construía os principais prédios públicos de uma *civitas*, tais como Basílica, Cúria e Templos, se localizavam na interseção do *decumanus* e do *cardo maximo* das *urbs* (GRIMAL, 2003, p. 87).

<sup>10</sup> Uma dos elementos mais importantes no processo de identificação dos indivíduos no Império romano era a sua lealdade à terra natal, à cidade à qual nasceram. Além da cidadania romana, os indivíduos exaltavam o seu pertencimento a uma determinada *civitas*, sendo esta parte integrante e fundamental de sua identidade (GONÇALVES, 2010, p. 20).

<sup>11</sup> Para a cúria de Oea, não dispomos de qualquer evidência arqueológica e literária. Acreditamos a mesma tenha existido, haja vista ser um dos mais importantes prédios públicos romanos, onipresente em todas as *civitates* provinciais.

Artigo recebido em 15/10/2013. Aprovado em 10/11/2013.